



## VIAGEM À LUA

Os quatro tripulantes da missão Artemis II falam pela primeira vez sobre a jornada, depois de nove dias no espaço. Primeira mulher a participar de uma viagem ao satélite natural, Cristina Koch interrompeu o discurso para segurar o choro

# "Planeta Terra, vocês são uma tripulação"

» RODRIGO CRAVEIRO

Às 15h48 de ontem pelo horário local (17h48 em Brasília) e menos de 24 horas após o retorno à Terra, os quatro tripulantes da missão Artemis II foram recebidos com aplausos, e de pé, pela plateia — formada por familiares, políticos e executivos da indústria aeroespacial — reunida no Centro Espacial Johnson, da Nasa (agência espacial dos EUA), em Houston (Texas). Vestidos com macacão azul e usando boné, o comandante Reid Wiseman; a especialista de missão Christina Koch; o astronauta canadense e especialista de missão Jeremy Hansen; e o piloto Victor Glover estavam emocionados. Ainda tentavam processar a façanha nos últimos nove dias, uma hora e 32 minutos, quando fizeram um sobrevoo na Lua. Foi a primeira viagem ao satélite natural da Terra desde 1972. Os quatro astronautas quebraram o recorde de maior distância percorrida no espaço: 406.773km.

"Victor, Christina e Jeremy, nós estamos ligados para todo o sempre. Ninguém aqui embaixo vai saber o que passamos. Foi a coisa mais especial de toda a minha vida", declarou Wiseman. "Antes do lançamento, parece que é o maior sonho do mundo. E quando você está lá fora, tudo o que você quer é voltar para sua família e seus amigos. Ser humano é algo especial, e estar no planeta Terra é algo especial", acrescentou o astronauta. A cápsula Orion pousou no Oceano Pacífico, perto da costa de San Diego (Califórnia), depois de enfrentar temperaturas de quase 3.800 graus Celsius, a uma velocidade de 39.693km/h, durante a entrada na atmosfera.

Victor Glover disse não ter processado o que ele e os três colegas tinham acabado de fazer. "Quando isso começou, em 3 de abril, eu quis agradecer a Deus em público, e quero agradecer a Deus novamente. A gratidão de ver o que vimos, fazer o

Ronald Schemidt/AFP



Da esquerda para a direita: Jeremy Hansen, Reid Wiseman, Christina Koch e Victor Glover, na cerimônia de boas-vindas, em Houston

que fizemos e estar com quem eu estava, é grande demais para caber em um só corpo", reconheceu. Christina Koch precisou interromper sua fala por cerca de 10 segundos para segurar o choro. Foi abraçada pelos outros três tripulantes da sonda Orion. "Quando vimos a Terra, minúscula, (...) o que me arrebatou foi toda a escuridão em torno dela. A Terra é um bote salva-vidas pendurado inabalavelmente no Universo", descreveu, ao parar o discurso momentaneamente. "Tudo nessa jornada tem a me

ensinar. Mas, há uma coisa que eu sei. Planeta Terra, vocês são uma tripulação", concluiu Cristina, de forma pausada, como se quisesse destacar cada palavra.

Jeremy Hansen parecia emocionado com o discurso da colega. "Quando você vê um grupo que se ama e dá uma contribuição significativa, e extrai alegria disso, isso é algo especial a testemunhar", declarou. "Nós ouvimos muito falarem sobre a ciência e sobre as coisas que aprendemos. Mas, a experiência humana é extraordinária

para nós", lembrou, ao ressaltar a "coragem" e a "bravura" da tripulação.

Ex-astronauta da Nasa, Clayton C. Anderson esteve em duas expedições à Estação Espacial Internacional — em 2007, permaneceu 152 dias a bordo. "A missão Artemis II foi um imenso sucesso para toda a humanidade! Os testes bem-sucedidos de todos os sistemas da espaçonave nos prepararam para a Artemis 3 e a Artemis 4 nos próximos anos. Provamos que temos conhecimento e tecnologia para retornar em



Ser humano é algo especial, e estar no planeta Terra é algo especial"

Reid Wiseman, comandante da missão Artemis II

"A Terra é um bote salva-vidas pendurado inabalavelmente no Universo"

Christina Koch, especialista de missão

"A gratidão de ver o que vimos, fazer o que fizemos (...), é grande demais para caber em um só corpo"

Victor Glover, piloto

## ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

# Ormuz, um impasse no diálogo cara a cara

As primeiras negociações diretas entre Estados Unidos e Irã desde a Revolução Islâmica de 1979 tiveram início com um obstáculo pela frente: o Estreito de Ormuz. A Guarda Revolucionária — exército ideológico do regime teocrático iraniano — ameaçou os navios militares que transitarem pelo canal marítimo por onde passam 20% do petróleo produzido no planeta. "Qualquer tentativa de navios militares de passar pelo Estreito de Ormuz será enfrentada severamente. A Marinha da Guarda Revolucionária Islâmica tem plena autoridade para gerir o Estreito de Ormuz de maneira inteligente", afirmou o comando naval da Guarda, segundo a emissora estatal IRIB. Foi uma resposta ao Comando Central dos EUA, que teria enviado dois navios de guerra e atravessado o Estreito de Ormuz para desativar minas navais instaladas por Teerã.

O vice-presidente americano, J.D. Vance; o enviado especial da Casa Branca ao Oriente Médio, Steve Witkoff; e o genro de Donald Trump, Jared Kushner estiveram sentados frente a frente com membros da comitiva iraniana, liderados pelo presidente do Parlamento, Mohammad Bagher Ghalibaf, e pelo ministro das Relações Exteriores, Abbas Araghchi. A reunião, no lujoso Serena Hotel, em Islamabad, conta com a presença de membros do alto escalão do Paquistão.

À tarde, a televisão estatal iraniana anunciou que houve duas rodadas de conversas e que uma terceira ocorria (provavelmente esta noite ou amanhã (domingo)). "As negociações avançam na direção certa, e o ambiente geral é cordial", garantiu uma fonte do governo paquistanês à agência France-Press. Mais cedo, Donald Trump demonstrou desprezo pelo possível fracasso das negociações. "Cheguemos ou não a um acordo, tanto faz para mim. O motivo é que nós vencemos. Estamos em

Gabinete do Primeiro-Ministro do Paquistão/AFP



O premiê Shehbaz Sharif (D), e o líder do Parlamento iraniano, Mohammad Ghalibaf

negociações muito profundas com o Irã. Vencemos de qualquer jeito. Nós os derrotamos militarmente", declarou o presidente americano.

Ex-embaixadora do Paquistão nas Nações Unidas, no Reino Unido e nos Estados Unidos, Maleeha Lodhi disse ao **Correio** que "seria irrealista esperar qualquer avanço rápido nas negociações entre os EUA e o Irã". "As posições dos dois lados permanecem muito distantes. Mas é um desenvolvimento positivo que os dois lados continuem a dialogar, pois sabem que retomar a guerra não é uma opção viável", avaliou, em entrevista pelo WhatsApp. "Ao menos as conversas serviram como um quebra-gelo, o que traz a esperança de um engajamento sério na busca de um caminho para uma solução diplomática."

## Controvérsias

Lodhi admitiu que o status quo e a retirada de minas do Estreito de Ormuz são pontos cruciais e extremamente controversos nas negociações entre os

Arquivo pessoal



A ex-embaixadora Maleeha Lodhi, diz que conversas foram um "quebra-gelo"

Estados Unidos e o Irã. "Segundo relatos, o assunto foi discutido, mas nenhum acordo foi alcançado devido às visões conflitantes sobre sua gestão futura", observou a ex-diplomata.

## O recado do papa aos poderosos: "Basta de guerra."

Filippo Monteforte/AFP



O papa Leão XIV criticou os belicistas e conclamou bilhões de pessoas em todo o mundo a abraçar a paz e a voltar "a acreditar no amor, na moderação e na boa política". Durante vigília pela paz, na Basílica de São Pedro, na Cidade do Vaticano, o líder da Igreja Católica destacou que "há responsabilidades inalienáveis que incumbem aos governantes das nações". "A eles, nós clamamos: basta! É tempo de paz! Sentai-vos às mesas do diálogo e da mediação, não às mesas onde se planeja o rearmamento e se deliberam ações de morte!", declarou. Segundo o pontífice, "a guerra divide, a esperança une, a prepotência oprime, o amor eleva". Como fez antes, o pontífice americano, naturalizado peruano, não citou nenhum político pelo nome nem apontou nenhum país em específico.